OBSERVARE
Universidade Autónoma de Lisboa

e-ISSN: 1647-7251
VOL13 N2, TD1
Dossiê temático
Perspectivas sobre a presença internacional da China
Dezembro 2022

A DIÁSPORA CHINESA NO BRASIL: DISPERSÃO, MITOLOGIA DA TERRA DE ORIGEM E PROMESSA DE RETORNO

DANIEL BICUDO VÉRAS
daniel.veras@fgv.br
Pesquisador no Núcleo de Estudos Brasil-China da Fundação Getúlio Vargas - Direito - Rio de Janeiro (Brasil), e é convidado em cursos de Sociologia e Filosofia para alunos de Universidades dos Estados Unidos da América (Syracuse, Colorado Boulder, Missouri) pela CUSSA – China Universities Summer Schools Association. Trabalhou na Prefeitura de Santo André-SP como pesquisador do Departamento de Indicadores Sociais e Econômicos da Secretaria de Orçamento e Planejamento Participativo. Trabalhou na Hubei University, China, onde lecionou língua portuguesa e cultura brasileira, estabelecendo intercâmbio educacional e cultural entre Brasil e China, em parceria com o Instituto Confúcio e UNESP. Na ocasião, foi membro do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade. É pesquisador-membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Urbanas - da PUCSP, e do Grupo de Pesquisa Diálogos Interculturais. Foi também do quadro editorial do Wudpecker Journal of Sociology and Anthropology, e de 2010 a 2018 apresentou a video-conferência anual "Brasil: Sociedade e Economia" para o Institut Supérieur d'Ingénierie d´Affaires – ISIALM, França. Possui doutorado e graduação em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e mestrado em Comunicação e Semiótica pela mesma universidade. Tem experiência nas áreas de Comunicação e Ciência Política, atuando principalmente nos seguintes temas: China, arte, cidade, migração e cultura, inglês.

Resumo

O presente trabalho visa a fornecer um panorama da presença de chineses no Brasil, estimados em 300.000. Tendo como base a relação dialética entre Brasil e China, a presente investigação trabalha com as seguintes hipóteses, que são também as linhas de problematização: A China expulsa; O Brasil recebe; Os sino-brasileiros emergem (a síntese do processo). A metodologia consistiu inicialmente em pesquisa bibliográfica. Posteriormente, houve coleta de dados secundários, oriundos do Museu da Imigração em São Paulo. O grosso do material empírico consistiu em entrevistas com cinco chineses - dados qualitativos, transcrição e análise (aplicação de questionários). Além disso, fez-se um levantamento fotográfico e documental da presença chinesa em São Paulo, em pontos da cidade específicos. A pesquisa iniciou em 2003 e o campo e entrevistas foram realizadas em 2006. Após este período, estudou-se comunicação asiático-brasileira em redes sociais. Foi feita então a análise de todos os materiais. Para o conceito de diáspora, foram usadas referências de Stuart Hall e Adam McKeown. Na análise socioeconómica, o conceito Marxiano "exército industrial de reserva" dá conta da presença de grandes contingentes populacionais circulando pelo mundo. O mecanismo de *pull* e *push* entre populações e territórios é uma construção utilizada por Paul Singer e Herbert Klein para explicar o movimento populacional. Sobre a construção de uma identidade brasileira que incluísse também asiáticos e seus descendentes, os trabalhos de Jeffrey Lesser merecem destaque. Sobre a inserção de chineses na sociedade brasileira, foram utilizadas teorias de Sigmund Freud e Eric Hobsbawn. O Brasil, pelo desenvolvimento de seu mercado, torna-se polo de atração de pessoas do mundo todo, inclusive chineses. Como colocado por entrevistados, o Brasil é visto como um país "em construção". E hoje os chineses têm um lugar na construção de uma identidade brasileira..

Palavras chave

Brasil; China; migração; diáspora; São Paulo

Abstract

This paper aims to provide an overview of the presence of Chinese in Brazil, who are estimated to be about 300,000 in number. Based on the dialectical relationship between Brazil and China, this research works with the following hypotheses, which are also the lines of problematization: China expels; Brazil receives; Sino-Brazilians emerge (the synthesis of the process). The methodology consisted initially of bibliographical research. Later on, secondary data was collected from the Museu da Imigração in São Paulo. The bulk of the empirical material consists of interviews with five Chinese individuals, providing qualitative data, a transcription and an analysis (application of questionnaires). In addition, a photographic and documentary survey of the Chinese presence in São Paulo at specific points in the city was carried out. The research began in 2003, and the fieldwork and interviews were carried out in 2006. After this period, the author studied Asian-Brazilian communication in social networks. An analysis of all the materials was then made. For the concept of diaspora, references from Stuart Hall and Adam McKeown were used. In the socioeconomic analysis, the Marxian concept "industrial reserve army" accounts for the presence of large population contingents moving around the world. The pull and push mechanism between populations and territories is a construct used by Paul Singer and Herbert Klein to explain population movement. Regarding the construction of a Brazilian identity that would also include Asians and their descendants, the works of Jeffrey Lesser are worth mentioning. Concerning the insertion of the Chinese into Brazilian society, the theories by Sigmund Freud and Eric Hobsbawn were used. Brazil, due to the development of its market, has become a pole of attraction for people from all over the world, including the Chinese. As the interviewees said, Brazil is seen as a country "under construction". And today the Chinese have a place in the construction of a Brazilian identity.

Keywords

Brazil; China; migration; diaspora; São Paulo

Como citar este artigo

Véras, Daniel Bicudo (2022). A diáspora chinesa no Brasil: dispersão, mitologia da terra de origem e promessa de retorno. *Janus.net, e-journal of international relations.* VOL13 N2, TD1 – Dossiê temático "*Perspectivas sobre a presença internacional da China*", Dezembro 2022. Consultado [em linha] em data da última consulta, https://doi.org/10.26619/1647-7251.DT22.2

Artigo recebido em 30 de Abril de 2022 e aceite para publicação em 15 de Maio de 2022

A DIÁSPORA CHINESA NO BRASIL: DISPERSÃO, MITOLOGIA DA TERRA DE ORIGEM E PROMESSA DE RETORNO

DANIEL BICUDO VÉRAS

1. Introdução

Ressaltando a dimensão cultural do fenômeno migratório, o presente trabalho visa a fornecer um panorama da presença de chineses no Brasil, estimados em 300.000, uma relativamente pequena porcentagem da população brasileira, com mais de 200 milhões de pessoas. Também uma pequena parcela da dispersão dos chineses pelo mundo, estimados em mais de 35 milhões de pessoas.

A China é do Conselho de Segurança da ONU, e desde 2009, o maior parceiro comercial do Brasil. Por estas razões, são cada vez mais frequentes estudos sobre a China do ponto de vista de números, do comércio internacional, e também sobre desenvolvimento (no sentido de experiências que podem ensinar o Brasil a vencer problemas históricos neste quesito). Entretanto, no caso brasileiro ainda há carência de estudos sobre a parte cultural desta relação. A China está investindo seriamente em aumentar cursos e departamentos de língua portuguesa e cultura brasileira, ao passo que o Brasil se mantém estagnado na sua pesquisa sobre a China. O resultado ainda é o mútuo desconhecimento entre os dois países. José Roberto Teixeira Leite (1999), Gylberto Freire e alguns outros poucos pioneiros já destacaram a influência chinesa no Brasil desde os tempos coloniais, num intenso intercâmbio de pessoas, artes, costumes, espécies animais e vegetais entre Brasil, África e Ásia promovido pelos portugueses. A partir dos anos de 1970, surgiram mais estudos sobre a imigração chinesa no Brasil, como o de Yang (1974), que é um trabalho seminal no Brasil.

Centros de pesquisa europeus e estadunidenses têm as suas próprias inquietações e próprios interesses no estudo sobre a China. O Brasil ainda carece de uma perspectiva própria, que contemple aos interesses brasileiros no estudo da China. Basicamente, falta estabelecer uma conexão entre estas duas grandes regiões em desenvolvimento. O que pretendemos adquirir aqui é esta perspectiva, ampliando o entendimento cultural, algo que em muito pode auxiliar as relações bilaterais, melhorando o comércio e intercâmbios que vão além do cultural.

Levando-se em consideração o conceito de exército industrial de reserva (Marx, s.d.: 730-749), há forças de atração e repulsão de população entre regiões do planeta. Obviamente, migrações são recursos para desenvolver a economia das regiões

receptoras, trazendo força de trabalho e qualificações, sem falar no ganho trazido pela diversidade cultural. Entretanto, diferentemente do capital que circula livremente pelo planeta, as pessoas têm sua liberdade de circulação cerceada nas fronteiras. Isto resulta em diversas crises de refugiados, sendo o campo o paradigma do espaço das fronteiras, em que é naturalizada a privação de direitos de certos grupos sociais (Agamben, 2004: 79).

Os movimentos populacionais comunicam regiões, mesmo que os seus respectivos Estados não participem ativamente ou alavanquem as ações. Se são do interesse de suas classes dominantes, as ações ocorrerão (Singer, 1973: 38). Há regiões que têm excesso de população, que não encontra ocupação por ter sido deixada de fora por processos excludentes. Tais regiões são expulsoras de pessoas (*pushing regions*), sendo a Europa e a Ásia da passagem do século XIX para o XX exemplos clássicos. Ao mesmo tempo, regiões de vazio populacional, abundância de terra não-explorada e economias em ascensão atraem força de trabalho (*pulling regions*), sendo todo o continente americano da passagem do século XIX para o XX um exemplo. Levando em consideração tais conceitos de *pull* e *push*, explorados pelo historiador Herbert Klein (2000: 13), aqui se procura identificar as forças de repulsão e atração de população. Se na passagem do século XIX para o XX, a Europa e a Ásia eram lugares de excedente populacional e as Américas eram lugares de vazio demográfico, os emigrantes promovem um encontro que busca suprir as necessidades econômicas das regiões em jogo[1]. Neste trabalho especificamente, cabe analisar as condições chinesas que levam parte de sua população a sair, e as condições atrativas do Brasil, em especial São Paulo, para o recebimento de pessoas do mundo todo.

E mais interessante ainda para o presente trabalho é o produto deste processo: o surgimento de uma comunidade que é sino-brasileira. Ao entrevistar membros desta comunidade, procurou-se compreender fatores de *pull* e *push*, bem como a construção desta comunidade, seus valores, tensões (internas e externas), e universo cultural. Daí também a importância do conceito de diáspora.

Segundo o Instituto Sociocultural Brasil-China (Ibrachina), de São Paulo, há 300 mil chineses no Brasil, correspondendo a 5% do total de imigrantes no país. Se a imigração chinesa não é representativa dentro do Brasil, ficando atrás de grupos como portugueses, espanhóis, italianos e japoneses, então por que estudar o tema? Se dentro da diáspora chinesa, a parte brasileira é ainda bastante diminuta, então por que estudar o tema? Dada a relevância das relações comerciais e diplomáticas entre Brasil e China, todos os pontos de conexão que possam aproximar os dois países, minimizando o problema do desconhecimento mútuo, são muito pertinentes. Ademais, é um grupo de imigração contemporâneo, que ainda cresce no Brasil.

Tendo como base a relação dialética entre Brasil e China, a presente investigação trabalha com as seguintes hipóteses:

[1] Em sua vasta pesquisa sobre os processos migratórios de chineses rumo ao continente americano, Evelyn Hu-DeHart destaca a América Latina como espaço privilegiado para a imigração chinesa. Estudando mais a fundo o caso mexicano, a autora mostra como a região foi importante para receber chineses nos diversos momentos de exclusão por parte dos Estados Unidos desde o século XIX (Hu-DeHart, 2013: 89).

- A China expulsa (*push factors*);
- O Brasil recebe (*pull factors*);
- Os sino-brasileiros emergem (a síntese do processo).

De certa forma refletindo a estrutura de hipóteses, além de considerar a perspectiva de retorno que caracteriza uma diáspora, o trabalho se divide em sete partes: 1. Introdução; 2. Deixando a China; 3. Estabelecendo-se no Brasil; 4. Os retornados; 5. Conclusões; 6. Imagens e a 7. Bibliografia.

A metodologia consistiu inicialmente em pesquisa bibliográfica, sobretudo sobre a diáspora chinesa pelo mundo, e sobre a história das imigrações para o Brasil, porém como temas separados, pois havia ainda poucos trabalhos a abordar os dois temas juntos, ou seja, a imigração chinesa para o Brasil. Posteriormente, houve coleta de dados secundários, oriundos do Museu da Imigração em São Paulo.

O grosso do material empírico consistiu em entrevistas com chineses - dados qualitativos, transcrição e análise (aplicação de questionários) – entrevistados livres para discorrer e opinar. O que os entrevistados têm em comum é ter nascido na China, mas procurou-se uma variedade de gênero, grupo etário, origem (ter vindo da China Continental ou de Taiwan, por exemplo), ocupações. Além disso, procedeu-se ao levantamento fotográfico e documental da presença chinesa em São Paulo, em pontos da cidade específicos.

A pesquisa iniciou-se em 2003 para a confecção de tese de doutoramento, que foi defendida em 2008. O campo e entrevistas foram realizadas em 2006. Após este período, o pesquisador voltou-se para a comunicação asiático-brasileira em redes sociais, como YouTube, Facebook e Instagram nos últimos anos. Foi feita então a análise de todos os materiais.

Para o conceito de diáspora, foram usadas referências de Stuart Hall (2003: 25-47) e Adam McKeown (1999: 308), entre outros. É um conceito central nesta investigação, que só pode ser chamado como tal quando existem estas três dimensões:

- Dispersão física pelo mundo (afinal, a palavra vem do grego *dia speiro*, que significa "o espalhar das sementes");
- A criação de uma mitologia e narrativas sobre a terra de origem;
- Promessa de retorno.

Outro autor que ressalta a promessa de retorno no processo migratório é Abdelmalek Sayad (1998: 176).

Na parte social-econômica, o conceito de Karl Marx (s.d.: 730-749) "exército industrial de reserva" dá conta da presença de grandes contingentes populacionais circulando pelo mundo, basicamente por razões econômicas. Entretanto, quando se pensa deslocamento por falta de segurança, logo se pensa em Giorgio Agamben (2004). A vida da contemporaneidade é a vida na fronteira, questão abordada por Homi Bhabha (2003: 19). Já o referido mecanismo de *pull* e *push* entre populações e territórios é uma

construção utilizada por Paul Singer (1973) e Herbert Klein (2000) para explicar o movimento populacional.

Sobre a construção de uma identidade brasileira que incluísse também asiáticos e seus descendentes, os trabalhos de Jeffrey Lesser (2001: 18-21; 2007: 189) merecem destaque[2]. Sobre a inserção de chineses na sociedade brasileira, teorias de Sigmund Freud (1961), Eric Hobsbawn (1975) e outros que ajudam a lidar com a complexidade da questão[3].

O estudo permite identificar uma intrínseca conexão entre processos econômicos, políticos e culturais, sendo o Brasil palco de rápidas e intensas transformações, refletindo tendências históricas e criando uma singular realidade. Ao ouvir a comunidade sino-brasileira e documentar a sua presença na cidade de São Paulo, o trabalho procura sistematizar informações de um assunto relevante para as relações internacionais do Brasil, para o autoconhecimento de suas origens, além de se constituir em ponto de partida para um terreno ainda inexplorado e cheio de possibilidades para expandir. O que resultou foi o registro de fala dos membros de tal comunidade, e um entendimento do Brasil como uma parte deste processo e palco de intensas disputas narrativas, políticas e culturais.

2. Deixando a China

Internamente, a parte meridional da China sempre foi a grande exportadora de pessoas. Desde a Dinastia Qing (1644-1912), as províncias de Guangzhou e Fujian eram as terras mais populosas, onde o caos social se fazia sentir. Criminalidade, desemprego, e empobrecimento eram abundantes na região, sendo um fator para explicar a saída de pessoas. Ao mesmo tempo, tais regiões, por serem costeiras e portuárias, eram mais abertas e oferecedoras de oportunidades e acesso ao Oceano Pacífico, sem falar na proximidade de Hong Kong e Macau. De certa forma, as comunidades chinesas pelo mundo têm pronunciados traços do sul da China, mais do que do norte ou outras regiões. Isto se dá pelo fato de que mais chineses saíram justamente desta região. Em certa medida, houve fluxo de trabalhadores vindos de Macau, alguns dos quais sequestrados ou enganados sobre sua vida nas Américas. Estamos aqui a falar do período da

[2] Para ser aceita, a identidade asiático-brasileira precisa ser amplamente discutida e negociada, conferindo a este grupo a condição de eterno estrangeiro (Lesser, 2001: 18-21; 293-294). Mais recentemente, Lesser (2007: 189) faz uma reflexão acerca de estereótipos que envolvem os asiático-brasileiros, sobretudo as mulheres – que são sexualizadas. Como os japoneses são o paradigma de imigração asiática para o Brasil, tais questões afetam diretamente a comunidade Nikkei brasileira, ou nipo-brasileira.

[3] Freud (1961: 114) salienta o narcisismo das pequenas diferenças, postulando que há mais problemas entre culturas próximas do que entre culturas distantes, porque está sempre presente, em cada povo, o medo de ter a sua identidade confundida com a do outro. Já Eric Hobsbawn (1975: 103-121), por sua vez, ressalta o caráter artificial dos nacionalismos, à medida que estes são rapidamente construídos para servir de instrumento para certa classe social que ascende. O autor demonstra aqui a íntima relação entre migração e nação - e como esta noção de nação será construída nas comunidades no exterior. Já nas tardias unificações da Itália e da Alemanha no século XIX, pode-se ver nitidamente a fabricação de nacionalismos para servir a um interesse de classe. A artificialidade do conceito de nação é também um assunto amplamente trabalhado por Gellner (1983: 56). Já Anderson (2008: 71), por sua vez, faz detalhada análise das nações como comunidades imaginadas e sobre o que enseja esta construção.

exportação de mão-de-obra *coolie*, que se deu de 1810 a 1920 pelas mãos de portugueses e ingleses, que eram concorrentes entre si (Yang, 1974: 18-20).

De fato, temos números de chineses pelo Brasil e pelo mundo, mas não se pode ter uma precisão. Fatores como migrações ilegais (*boat people*, cabeças-de-cobra, tráfico de pessoas) e o fato de muitos chineses circularem com passaportes outros que não da China podem explicar a imprecisão. Por exemplo, muitos chineses entraram no Brasil com passaporte moçambicano, por viverem neste país africano, em certos casos por gerações. Caso tenham vindo antes de 1975, estes chineses entravam com passaporte português. Todos estes fatos obscurecem as estimativas.

Na China, emigração é um tema sensível. De certa forma, desfavorece a reputação do governo chinês, à medida que evidencia que muitos deixaram o país em busca de melhores condições de vida. Inicialmente tidos como traidores da pátria, nos fins do século XIX, a partir do momento em que mandam dinheiro de volta à China, passam a ser vistos como beneméritos relativamente ao país de origem. Novas identidades, então, são criadas. *Huaren* (华人) ou *huaqiao* (华侨) são os chineses ultramarinos. Seus descendentes, os *huayi* (华裔). Mais recentemente, as lideranças políticas falam mais em *zhonghua da jiating* (中华大家庭), ou grande família chinesa, em seus discursos. Isto não só salva a reputação da China como também torna estes chineses no exterior de certa forma sujeitos ao controle do Estado chinês. Os chineses têm uma forte cultura de retorno à terra natal, e isto se dá na ligação com a aldeia rural de origem (até recentemente a maioria do país era agrário), remessas de dinheiro do exterior ou mesmo repatriamento de corpos para serem sepultados na China. Em São Paulo é muito comum encontrar associações de chineses ligadas a uma determinada província ou cidade, muito mais que ao país todo.

3. Estabelecendo-se no Brasil

Enquanto a iniciativa *coolie* (苦力) teve ampla aceitação como mão-de-obra asiática para substituir a força de trabalho escravizada de origem africana em diversos países no século XIX, no Brasil isto não se deu. Chineses mineradores dominaram o cenário no Chile, África do Sul e Austrália. No Peru, destacaram-se como extratores de guano, ao passo que nos Estados Unidos, Canadá e Panamá foram construtores de estradas de ferro. Em Cuba, foram amplamente empregados como agricultores. Diferentemente, no México e Indonésia, os chineses se converteram em poderosa burguesia comercial, tendo enfrentado, por seu destaque conquistado na sociedade, severas hostilidades por parte de populações locais.

No Brasil de fins do século XIX, o último país a abolir oficialmente a escravidão nas Américas, colocou-se um acalorado debate sobre a substituição de mão-de-obra escravizada. Marcado pelo racismo, tal debate era sobre a política de "branqueamento" da população e incentivo da vinda de imigrantes europeus ao Brasil, sobretudo para as lavouras de café do sudeste. E posteriormente, a crescente industrialização do estado de São Paulo. Realmente, a Europa se via com crescente contingente populacional empobrecido, carecendo de terras e ocupação. Processos excludentes, como as tardias unificações da Itália e da Alemanha, faziam crescer aquilo que Karl Marx (s.d.: 730-749)

iria designar como exército industrial de reserva. Ao mesmo tempo, tais regiões viam crescer internamente movimentos sociais questionadores, como o socialista e o anarquista. Inicialmente, tais trabalhadores politizados não se deixavam contentar pelas condições de vida e trabalho no Brasil. Desta forma, começaram a ser considerados os trabalhadores asiáticos.

A primeira iniciativa oficial de se trazerem de trabalhadores *coolies* ao Brasil se deu ainda na época colonial, na corte de D. João VI em 1812, em que poucos plantadores de chá vieram ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro – iniciativa que resultou em fugas e suicídios, dificultando muito o prosseguimento da iniciativa *coolie* no país austral, a despeito de posteriores tentativas e missões diplomáticas. A dinastia Qing, envolvida em problemas internos de caos social, guerras do ópio, pressão de nações imperialistas, ao constatar as más condições de vida destas populações, achou por bem interromper o fluxo. Ele ainda ocorreu, contudo. Por exemplo, o dia 15 de agosto é desde 2018 o Dia da Imigração Chinesa (data federal), em referência à chegada do vapor Malange, em 1900 (tendo feito a rota Lisboa – Rio).

O Brasil ainda estava interessado em trazer trabalhadores asiáticos, e então recorreu aos japoneses, um grupo de trabalhadores preterido pelos Estados Unidos, e também numeroso pela excludente Restauração Meiji do século XIX. Desta forma, em 1908, atracava no porto de Santos o Kasato Maru, com os primeiros japoneses, transformando-os a partir de então no paradigma da imigração asiática no país – tendo hoje a comunidade Nikkei mais de 1,5 milhão de pessoas no Brasil, entre japoneses e seus descendentes.

No Brasil, como a iniciativa *coolie* não prosperou, a comunidade chinesa é predominantemente urbana, com forte traço empreendedor e chegada por iniciativas familiares. Tal situação é bastante diferente de imigrações ao Brasil que podem ser consideradas "tuteladas", como a italiana ou japonesa. Há marcos na história da China que interferem na imigração chinesa para o Brasil. Se até 1950 predominavam os chineses continentais no Brasil, entre esta data e 1980 chegaram mais taiwaneses. Após este marco, os chineses continentais retomam a proeminência no processo. Isto nos leva a inferir que após a Revolução Chinesa de 1949, o país se fechou, tornando mais difícil a emigração. Neste tempo, a ilha de Taiwan era mais aberta, e muitos a deixaram pelas tensões políticas existente entre as extremidades do estreito de Taiwan. Pelo mundo, as comunidades chinesas se incrementaram de cultura letrada e se revitalizaram após a Revolução de 1949, devendo-se ao fato de que pela primeira vez elites intelectuais emigraram expressivamente da China. E o que a década de 1980 nos sinaliza? É o momento da reforma e abertura, garantido acesso e oportunidades da população chinesa continental para o estrangeiro.

De qualquer maneira, o processo migratório é sentido de formas diferentes de acordo com as gerações. No caso de chineses no Brasil, muitas vezes os filhos funcionam como mediadores e até interpretes entre os pais e a cultura do país; entre o diminuto mundo doméstico e o amplo mundo social exterior. Filhos únicos tendem a dominar melhor o chinês, ao passo que crianças e jovens com irmãos tendem a aprender o português mais rapidamente. Obviamente, há choques culturais dentro da própria família. Os jovens *huayi* não se conformam por terem colegas brasileiros com uma vida muito mais livre e relaxada do que a eles – e não raro questionam os pais. Os mais velhos tendem a viver

em enclaves, muitas vezes nunca aprendendo o português ou tendo amizades fora do círculo chinês.

Em *Mal-Estar na Civilização*, Freud (1961: 114) dá conta do chamado "narcisismo das pequenas diferenças", em que há maiores problemas entre culturas próximas do que entre culturas distantes. Assim, por exemplo, entre chineses e japoneses, entre povos do Oriente Médio, ou entre portugueses e espanhóis. Muitas vezes, na terra de origem, as pessoas vêm de civilizações que competiam por recursos, ou determinados rios ou terras. Mais do que isto, entretanto, o estudo de processos migratórios deve levar em conta que, entre civilizações próximas existe o medo e o perigo de ser confundido com o outro. Ou seja, o perigo da perda da própria identidade. Em São Paulo, isto se deu com todos estes grupos. Os chineses têm suas tensões internas e externas à colônia. Por seu caráter fragmentado, a diáspora chinesa no Brasil muitas vezes apresenta uma maior ligação à província de origem do que à Grande China propriamente dita. Curiosamente, os japoneses, por serem a maior imigração asiática no Brasil, acabam por ditar a distribuição espacial dos chineses e outros asiáticos, que acabam por gravitar em torno destes japoneses, em princípio.

O bairro paulistano da Liberdade torna-se o ícone espacial das imigrações orientais no Brasil. Transformado pela arquitetura japonesa, seus letreiros e lanternas, o lugar se torna espaço de disputas narrativas em curso no Brasil. É vendido como "bairro japonês", mas hoje em dia poucos japoneses vivem ali. Estes já estão espalhados em outros bairros da cidade, sendo a maioria dos orientais que lá vivem chineses. Há também alguns coreanos. Antes da chegada dos primeiros orientais ao bairro, entretanto, ele era essencialmente africano. A Praça da Liberdade era lugar de execução de escravizados rebelados, e a igreja que ainda está lá ostenta o nome Igreja dos Aflitos. Era o pranto destes aflitos que o bairro via correr. O local se torna um simulacro de Oriente na arquitetura e comércio, onde cada vez mais artificialmente há pressão para vender a imagem japonesa e apagar a história africana anterior. Isto é apagar uma herança que justifica o próprio nome Liberdade. O governador do estado João Doria Jr. renomeou a estação de metrô Liberdade para "Japão Liberdade" em 2018. O bairro tem uma feira dominical, onde se está tentando proibir a comercialização de comidas não-orientais. Comidas do Nordeste brasileiro, em especial. Tudo isto é o apagamento da história pregressa do bairro. Hoje em dia há relatos de que está em vias de se criar artificialmente uma "Chinatown" em São Paulo. Aliás, entre os entrevistados da pesquisa, uma Chinatown no Brasil não se justifica por dois motivos:

- Não há escala para isso. Cerca de 300.000 chineses vivem no Brasil, metade dos quais em São Paulo. Não se compara a cidades estadunidenses, australianas ou canadenses;
- Os chineses do Brasil sentem que não precisam se isolar, pois se sentem incluídos na sociedade brasileira.

Hobsbawm (1975: 103-121) já destacara o caráter artificial e fabricado dos nacionalismos, e como estes escamoteiam as identificações de classe. Talvez um exercício interessante seja realmente tentar buscar identificações mais universais baseadas no lugar ocupado nos processos produtivos.

Estas e outras questões contemporâneas têm sido abordadas pelo canal de YouTube chamado Yo Ban Boo, criado em 2016 por jovens brasileiros de ascendência asiática. Aliás, mais recentemente o pesquisador voltou-se a este assunto, porque ele é a continuação natural do processo analisado desde a pesquisa doutoral defendida em 2008. O canal discute diversas questões sobre o que é ser asiático-brasileiro. O Brasil, apesar de sua diversidade étnica e racial, é um país racista. Se ainda há pessoas que não se convencem do racismo sofrido pelos descendentes de escravizados africanos, ainda mais difícil é ilustrar a questão do racismo contra asiáticos (Veras, 2021: 291). Tsang (2018: 304), por sua vez, por meio da análise dos conteúdos de um website dirigido por chineses no Brasil, e dedicado a este público (o BrasilCN.com), em língua chinesa, identifica pontos abordados também por Anderson (2008). Por exemplo, identifica como a China é construída como comunidade imaginada – e muito mais ampliada pelo capitalismo virtual (algo que Anderson não chegou a abordar). Substancialmente mais ampla do que um capitalismo impresso. O espaço virtual é potente criador e amplificador de comunidades imaginadas.

Voltando à questão do racismo contra asiaticos, uma faceta singularizante que ele possui é a questão da "minoria modelo". Trata-se de um grupo de não-brancos que tem êxito educacional e econômico, e que acaba desta forma servindo para justificar as piores situações vividas pelos negros no Brasil. Ao mesmo tempo, os asiáticos são alvo de racismo, pois a eles é negada individualidade, além de serem frequentemente desumanizados, hostilizados e associados a estereótipos. Pouco se fala, mas na história do continente americano os asiáticos já sofreram diversas restrições legais por conta de sua origem e fenótipo. Após a pandemia de covid-19, a questão se exacerbou em diversos países. Como apontado por Lesser (2001: 293-294), diferentemente de outras identidades étnico-raciais mais aceitas como sendo brasileiras, uma identidade asiática-brasileira tem sempre que ser negociada, ao invés de ser aceita a priori.

4. Os retornados

E a promessa de retorno? Desde 1997 a China tem atraído pessoas do mundo todo – e muitos chineses retornam. Intrigados pelo próprio país, são agora atraídos pelas condições de estabilidade da sociedade chinesa em vários aspectos. O ingresso de investimentos vindos de chineses no exterior já existia há décadas, mas agora cada vez mais chineses voltam: as chamadas *haigui* (海龟 – as tartarugas marinhas que voltam a nado). Há também os chamados *haidai* (海带 – alga marinha), aqueles que não souberam se adaptar ao processo e são engolidos. Os retornados são no geral conhecidos como *guiqiao* (归侨). Para Ho (2015: 199), o que vai diferenciar os *haigui* dos *haidai* é o fato de que enquanto os primeiros utilizam suas habilidades adquiridas no exterior como um ativo para se destacar profissionalmente, para os últimos, ter passado tempo longe da China foi um fator dificultador de retornar ao mercado chinês.

Há um fenômeno ligado à migração chinesa, que embora reflita a cultura do país, quando reproduzido no Brasil, pode levar a problemas inesperados. Os chineses que têm filhos no Brasil os mandam para os avós criarem na China. Isto não é diferente dos movimentos migratórios rural-urbano internos na China. Entretanto, quando estes filhos crescem, são

cidadãos brasileiros, e que não sabem nem a língua do país, ao mesmo tempo que a China não sente qualquer obrigação para com eles. Os consulados brasileiros na China tentaram contornar esta questão criando materiais que apresentam o Brasil. Por fim, há notícia de que o governo chinês está aceitando estes jovens como cidadãos chineses. Esta é de certa forma, uma questão de retornados. Desde 1980 a República Popular da China não permite que cidadãos chineses tenham dupla nacionalidade, o que para a diáspora se tornou motivo de agonia. Assim, na verdade os chineses no estrangeiro têm que escolher entre manter a cidadania chinesa e adotar uma outra. No caso destes jovens, portanto, também deve haver esta escolha, daí também o motivo de uma certa tensão quando da opção.

5. Conclusões

Para além da junção de um material que documenta a presença chinesa em São Paulo (fotos, coleta de jornais chineses, levantamento de endereços importantes), há algumas constatações sobre o processo diaspórico chinês no Brasil. O Brasil, pelo desenvolvimento de seu mercado, torna-se polo de atração de pessoas do mundo todo, inclusive os chineses, a partir do fim da escravatura. Como colocado por entrevistados, o Brasil é visto como um país "em construção", muito mais novo do que a China. E hoje os chineses têm um lugar na construção de uma identidade brasileira.

Em suma, forças *pull* e *push* atuam entre pessoas chinesas e o território brasileiro. Os chineses pelo mundo constituem uma diáspora, mesmo que com múltiplas e diversas identidades (*zhongguoren*; *huaren / huaqiao*; *huayi, zhonghua da jiating,* Hong Kong, Macau; 56 etnias). Conforme pode se perceber sobre as tendências de fluxo para o Brasil, isolamento/ abertura da China são determinantes no processo migratório.

Historicamente, o Brasil tem sido polo de atração de população. Como colônia de exploração, o Brasil sempre aguçou a imaginação europeia, conforme relatado por Mello e Souza (1986: 21). Leite (1999: 23), por sua vez, destaca o antigo contato Brasil-China, há séculos promovido pelo colonizador português. Na época de substituição da mão-de-obra escravizada, em fins do século XIX, todo e qualquer imigrante não-europeu desafiava o ideal étnico das elites brasileiras. Concomitantemente, a iniciativa *coolie* no Brasil foi frustrada à medida que as incipientes negociações tiveram pouco avanço. A complexidade da identidade asiática no Brasil se intensifica na questão da "minoria modelo". Se por um lado ela é enxergada como bem-sucedida, por outro é também vítima de racismo e estereotipação, num país em que a branquitude dá o tom das relações raciais. O Brasil, embora atraísse povos por uma demanda de força de trabalho, é hoje um país de emigração. Há mais de 2 milhões de brasileiros pelo mundo, um processo iniciado na década de 1980 (a chamada "década perdida" – pela estagnação econômica do período), sendo os Estados Unidos, Portugal, Itália e Japão destacados destinos de brasileiros. Desde aquela época, as sucessivas crises econômicas brasileiras levaram à falta de perspectivas de trabalho. No caso de Portugal, Itália, Japão e até Alemanha, muitos brasileiros recorreram a estes países por eles oferecerem às comunidades de descendentes abertura para imigrar, na maioria dos casos com ocupações de baixa qualificação.

Os sino-brasileiros são uma comunidade fragmentada e heterogênea, constituída em ondas desconexas, muito dependentes de iniciativas individuais. Conforme já apontado, nos anos de 1950 e 60 é marcada a vinda de chineses ao Brasil, especialmente taiwaneses. A partir dos anos de 1980 aumentou a vinda de chineses continentais, que segue. Tensões da terra de origem também migram para o Brasil. Um exemplo disso é o mal-estar todo mês de outubro, em que chineses continentais comemoram a data nacional dia 1, e os taiwaneses a celebram dia 10. Isto mostra a complexidade das identidades e formações diaspóricas. Os sino-brasileiros não só transformam a sociedade brasileira, como também são transformados por ela. Constituem, por fim, algo novo, diferente da sociedade chinesa (adaptando sua culinária a ingredientes locais, mudando aspectos culturais mesmo que em enclaves). Em diferentes graus, de acordo com a geração, preservam traços da antiga cultura chinesa, artes, ciência, *guanxi.* E por fim, têm sempre a perspectiva do retorno; seja o retorno físico como *haigui,* seja o retorno por remessas de dinheiro para a terra natal, ou então como investimentos na China, ou por fim na criação de uma grande comunidade imaginada nas artes, literatura, religião, ou no ciberespaço.

6. Imagens

Imagem 1: Hospedaria dos Imigrantes. São Paulo. Recebeu mais de 3 milhões de trabalhadores de todo o mundo, de 1888 aos anos de 1970. São Paulo, com o capital acumulado com a economia cafeeira, investiu na industrialização no século XX, tornando-se mercado aquecido e atraente para mão-de-obra do mundo todo.

Foto: Daniel Veras, 2006 (Veras, 2008: 118)

Imagem 2: As caricaturas da época retratam os debates marcados por racismo e preconceito sobre a possibilidade de se trazerem trabalhadores chineses. No Brasil a iniciativa *coolie* não foi levada adiante.

Fonte: Litografia de Angelo Agostini in Vida Fluminense_-1871, reproduzido por Leite (1999: 115)

Imagem 3: O Templo Zulai, no município de Cotia, estado de São Paulo. Iniciativa da comunidade chinesa do Brasil, é o maior templo budista da América Latina.

Foto: Daniel Veras, 2006 (Veras, 2008: 220)

Imagem 4: O bairro paulistano da Liberdade. Palco de disputas narrativas na cidade. Um simulacro de Oriente e tentativa de apagamento da história africana no bairro

Foto: Daniel Veras, 2006 (Veras, 2008: 180)

Imagens 5, 6 e 7: Comemorações de Ano Novo Chinês no bairro da Liberdade. O evento atrai multidão de entusiastas, descendentes de chinês ou não

Foto: Daniel Veras, 2006 (Veras, 2008: 189-190).

Imagens 8 e 9: Escola taiwanesa no bairro da Vila Mariana, cidade de São Paulo. Escolas locais preservam as tradições da região de origem. Aqui, celebração do Ano Novo Chinês

Foto: Daniel Veras, 2006 (Veras, 2008: 223)
Imagem 10: Colégio Sidarta, no município de Cotia, estado de São Paulo. O primeiro colégio do Brasil a incluir em sua grade curricular o idioma chinês.

Foto: Daniel Veras, 2006 (Veras, 2008: 224)

Imagem 11: Vendedor de *chaofan* (arroz frito) em *van* do bairro das Perdizes, cidade de São Paulo

Foto: Daniel Veras, 2006 (Veras, 2008: 208)

Imagem 12: publicações em língua chinesa produzidas na cidade de São Paulo, tendo como alvo a comunidade chinesa de *huaren* e *huayi*

Foto: Daniel Veras, 2006 (Veras, 2008: 222)

Imagem 13: a Rua 25 de Março, em São Paulo. Importante ponto varejista que concentra comerciantes chineses, sobretudo na área de eletrônicos

Foto: Daniel Veras, 2006 (Veras, 2008: 170)

Imagem 14: a Missão Católica Chinesa, situada à Vila Olímpia, cidade de São Paulo. Sob a liderança do veterano Padre Pedro, ponto de encontro de chineses, religiosos ou não, de diferentes províncias de origem. Ademais, uma instituição que sempre ajudou muitos chineses recém-chegados, sem casa, sem conhecidos e sem falar português

Foto: Daniel Veras, 2006 (Veras, 2008: 216).

Imagens 15, 16 e 17: Material concebido pelo autor brasileiro Maurício de Sousa para o público de jovens chineses nascidos no Brasil, mas que não conhecem nada do país sul-americano, pois foram criados na China. O material é fornecido pelos consulados brasileiros em Shanghai e Guangzhou para estes jovens que, de início têm cidadania brasileira.

Foto: Daniel Veras, 2015.

7. Bibliografia

Páginas asiático-brasileiras no Facebook

Teacher Liao Si's page, disponível em https://www.facebook.com/groups/professoradechines/

Estudos Asiático-Brasileiros, disponível em https://www.facebook.com/groups/540209652761976/

Filosofia Taoísta, de Chiu Yi Chih, disponível em https://www.facebook.com/groups/1882281848653533/

Instituto Confúcio no Brasil, disponível em https://www.facebook.com/groups/mandarim.brasil/

Perigo Amarelo, análise, disponível em https://www.facebook.com/perigoamarelo/

Coletivo Oriente-se (de atores asiático-brasileiros), disponível em https://www.facebook.com/coletivoorientese/

Centro Chinês (Rio), disponível em https://www.facebook.com/centro.chines/

Asiáticos pela Diversidade (Comunidade LGBT asiática), disponível em https://www.facebook.com/asiaticosdiversidade/

Canais no Youtube por asiático-brasileiros

Yo Ban Boo, disponível em https://www.youtube.com/channel/UCmPMXwu814q8lDOd_OTx26Q

Bro Capitalista, de Christian Jao Haksabatugi, disponível emhttps://www.youtube.com/channel/UCksNHNRPJMK7xRBjq6nqDTQ

Pula Muralha, Liao Si e Lucas Brand, disponível em https://www.youtube.com/channel/UC6qjUYfE_cG4PHWVs9MMBlA

Chinesa Brazuka, de Yolanda, disponível em https://www.youtube.com/channel/UCMCMTLrqJDqkQuLdauYVAdg

Chiu Yi Chih, Filósofo taoísta nascido em Taiwan, disponível em https://www.youtube.com/channel/UCavBAhXBxEMsvD_8uSUqpvA

Referências

Agamben, Giorgio (2004). *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG.

Anderson, Benedict (2008). *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Bhabha, Homi K. (2003). *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG.

Freud, Sigmund (1961). *Civilization and Its Discontents*. Londres: The Hogarth Press.

Gellner, Ernest (1983). *Nations and Nationalism*. Oxford: Basil Blackwell.

Hall, Stuart (2003). *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org.: Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG; Brasília-DF: UNESCO.

Ho, Elaine Lynn-Ee (2015). "Chapter 9. From *guiqiao* to *haidai*: diaspora engagement and the evolving politics of return migration in China". In Robyn Iredale; Fei Guo (eds.). *Handbook of Chinese Migration: Identity and Wellbeing* . Cheltenham (Reino Unido) e Northampton (EUA: Edward Elgar Publishing Ltd., 199-214.

Hobsbawn, Eric (1975). *The Age of Capital 1848-1875*. Londres: Abacus.

Hu-DeHart, Evelyn (2013). "Chapter 6. Integration and exclusion: the Chinese in multiracial Latin America and the Caribbean". In Tan Chee-Beng (ed.). *Routledge Handbook of the Chinese Diaspora*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 89-107.

Klein, Herbert (2000). "Migração internacional na história das Américas". In Boris Fausto (ed.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 13-32.

Leite, José Roberto Teixeira (1999). *A China no Brasil. Influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileiras.* Campinas: UNICAMP.

Lesser, Jeffrey (2001). *A Negociação da Identidade Nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP.

_____ (2007). *A Discontented Diaspora: Japanese Brazilians and the Meanings of Ethnic Militancy, 1960-1980*. Durham, NC: Duke University Press.

Marx, Karl (s.d.). *O Capital – Crítica da Economia Política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2º. Volume, Capítulo XXIII.

McKeown, Adam (1999). Conceptualizing Chinese Diasporas, 1842 to 1949. *The Journal of Asian Studies*. Vol. 58, no. 2 (maio): 306-337.

Mello e Souza, Laura de (1986). *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras.

Sayad, Abdelmalek (1998). *A Imigração. Ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP.

Singer, Paul (1973). *Economia Política da Urbanização*. São Paulo: Brasiliense.

Tsang, Gabriel F. Y. (2018). The Quotidian Concern and Racial Belonging of Brazilian Chinese: A Study of BrazilCN.com. *International Journal of China Studies*. Vol. 9, no. 3, (dezembro): 303-314.

Veras, Daniel Bicudo (2008). *As Diásporas Chinesas e o Brasil: A comunidade sino-brasileira em São Paulo*. São Paulo: Tese de Doutorado em Ciências Sociais pela PUC-SP.

_____ (2021). "Yo Ban Boo: Asian Brazilian Identity and Social Media". In André Bueno; Daniel Bicudo Veras (eds.). *Studies on Chinese Migrations: Brazil, China and Mozambique*. Rio de Janeiro: Projeto Orientalismo/ UERJ, 267-298.

Yang, Alexander Chung Yuan (1974). *O Comércio dos 'Coolie': 1810-1920*. São Paulo: Tese de Mestrado em História pela USP.